

Série Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze

#### **Episódio 4: Moreno cor de Bronze**

##### **Vinheta com Voz do Morro**

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tamborins*

*A Praça Onze acabou, não temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar* **0.00'44"**

Olá, esta é a série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**. Aqui, falamos de música popular brasileira para aprender com quem canta as nossas histórias.

Este é o episódio 4 e, nele, vamos ouvir, analisar e cantar o samba **Moreno Cor de Bronze**, lançado em 1934, quando a Praça Onze ainda existia e era cantada em prosa, verso e notícias de jornal.

Na análise, falamos do contexto em que a música foi lançada e esmiuçamos os recursos expressivos usados para criar um discurso composto de letra, música, canto e arranjo. Tudo junto e misturado porque, num discurso, o todo é sempre maior que a soma das partes. E música popular é um gênero de discurso feito para ser ouvido inteiro. A gente só separa letra, melodia, jeito de cantar e tocar para aprender como se faz.

Primeiro, vamos ouvir **Moreno cor de bronze**, de Custódio Mesquita, com Aurora Miranda e a orquestra de Simon Bountman, samba lançado em 1934.

**Sobe som na música inteira, com introdução e até o fim instrumental**

<https://www.youtube.com/watch?v=tD4ydXwpaIU>

*Moreno cor de bronze / Que nasceu na Praça Onze / E se diplomou em samba / Na academia do Salgueiro / Tem na cor a faceirice / Tem na voz toda a meiguice / Própria de um brasileiro.*

*Não há nada, moreno / Que se compare a você / Teu amor é mais gostoso / É melhor o teu querer / Tua cor é maravilha / E vale mais que um tesouro / Por sua causa, moreno / O bronze vale mais que o ouro.*

**Moreno cor de bronze** é um samba sincopado em que o arranjo de orquestra dialoga, o tempo todo, com a cantora. Por isso, chamamos a atriz, cantora e pianista Thânia Machado para nos contar o que esta música tem de desafio para uma intérprete.

**Sobe som Thânia Machado. Aos 0.02'40''**

Particularmente, eu acho que não chega um desafio, mas é uma forma de colocar diferente, que era antigamente. Antigamente de uma forma cantar, uma forma de dizer à sociedade, tudo em volta, que é diferente do que nós temos hoje, entendeu? E a maneira que ela canta, que ela coloca a melodia, é bem aquela... Como é que vou te dizer?...aquela mulher mais delicada, que vai falar do amado um romance e coisa e tal... E hoje, nem tanto. Você fala, mas de uma maneira mais direta, mais segura, até pelo posicionamento da mulher hoje em dia. Muda tudo, né? **0.03'30''**

**Moreno cor de bronze** é uma evidência da mistura brasileira. A cantora Aurora Miranda, irmã caçula de Carmen Miranda, era de família portuguesa. O compositor Custódio Mesquita era um aristocrata carioca, formado no Conservatório Nacional de Música, mas preferiu ser pianista popular. O arranjo sinfônico é do maestro russo Simon Bountman e o disco foi lançado pela gravadora inglesa EMI-Odeon, dirigida por um judeu tcheco, Frederico Figner. Mas o personagem de que fala a canção é um mulato da Praça Onze. Todos esses elementos ficam evidentes quando enunciados, mas passam despercebidos quando nos lembramos de que **Moreno cor de bronze** é também uma canção romântica. Thânia Machado, ainda existe essa mistura na música brasileira?

### **Sobe som Thânia Machado aos 0.25'56''**

Só tem. Só tem. E acho que até mais agora. As pessoas estão se chegando e olha que chegam mesmo. O Brasil é o Brasil, né? E o samba é uma coisa... uma coisa, não, desculpe. Que acolhe todo mundo e o samba é um estilo que agrada a todos. Você chega numa roda de samba, quantos turistas tem numa toda de samba? Você vai na feirinha, que nós temos aqui, na Lavradio, a feira popular, e você tem o pessoal dançando, sabe, no meio da rua. Que coisa linda!

E muitos turistas, muitos turistas. Entrando pela dança africana, porque a dança que tem ali é a dança negra. E eles tentam imitar os passos, eles tentam entrar. Essa é a nossa realidade, o nosso Brasil é Brasil. É a união de todas as raças. **0.26'58''**

E por que você importante o samba como matéria de escola?

### **Sobe som Thânia Machado. Aos 0.27'17"**

Primeiro porque tem uma qualidade maravilhosa e as crianças, realmente, têm que conhecer. E, segunda, que é um estilo que sempre ficou à margem da nossa sociedade. O samba sempre foi uma coisa de vagabundo, quando não é. **0.27'39"**

### **Junta com 0.27'57"**

Então, tem que saber que o samba veio da África, que ele tem várias modalidades. O samba é um leque, você tem samba reage, samba canção, samba enredo... E cada um tem uma pulsação, cada um tem uma emoção, cada um estilo totalmente diferente, um ritmo totalmente diferente e todos são samba. É muita coisa para as crianças saberem. E, através disso, você vai abrindo esta parte da musicalidade, para a criança entender os outros estilos **0.28'37"**

Ao contrário de quase todos os sambas com sujeito poético feminino, em **Moreno cor de bronze**, a mulher não reclama de um amor não correspondido ou de maus tratos do amado. Sujeito poético é a personagem que conta a história da música. Há quem diga também enunciador ou narrador. De todo jeito, o sujeito poético, a narradora ou enunciativa desta canção é uma mulher que não reclama do amado. Ela enaltece e chama o mulato (ou negro) de moreno, certamente por eufemismo racista.

### **Sobe som em Moreno Cor de Bronze, sem introdução, aos 0.00'20"**

*Moreno cor de bronze / Que nasceu na Praça Onze / E se diplomou em samba / Na academia do Salgueiro / Tem na cor a faceirice /*

*Tem na voz toda a meiguice / Própria de um brasileiro.*

**0.00'41''**

Thânia Machado, esta referência, chamar um negro de moreno, é comum nas músicas de hoje?

**Sobe som Thânia Machado. Aos 0.07'54''**

Hoje já não se aceita, de jeito nenhum, referência a isso. Mas você ainda encontra ainda algumas pessoas que dizem assim.. Estou me colocando, tá. Às vezes você passa na rua e dizem assim. Ô morena! E não sei o quê. Ai que ódio (risada).. Eu sou negra... algumas pessoas ainda. Algumas pessoas acham que você chamar o outro de negro, você está xingando. Como se a palavra negro fosse uma coisa pejorativa. E não é. Negro é uma raça e essa raça tem que ser respeitada.

**0.08'33''**

**Junta com 0.09'02''**

Hoje em dia a gente já pode dizer. Nós temos uma política que é negra. A mulher negra, que está defendendo o nosso direito. Então, hoje, realmente, cantar, dessa forma, não tem nem como, né? Nem pensar.

**0.09'24''**

Outra característica dessa música é ter sido composta por um homem, para falar dos sentimentos de uma mulher. Nos anos 1930, quando **Moreno cor de Bronze** foi lançado, mulheres não compunham. Chiquinha Gonzaga era uma exceção. Já falamos de

Chiquinha Gonzaga, no episódio 2 desta série. Ela é a compositora da primeira marcha carnavalesca brasileira, **Ô abre alas**, de 1899.

**Sobe som Abre Alas de Chiquinha Gonzaga, cantora e orquestra não identificados. Parece Linda Batista.**

[https://www.youtube.com/watch?v=DVWwJGEafFA&list=RDDVWwJGEafFA&start\\_radio=1&rv=DVWwJGEafFA&t=38](https://www.youtube.com/watch?v=DVWwJGEafFA&list=RDDVWwJGEafFA&start_radio=1&rv=DVWwJGEafFA&t=38)

**A partir de 0.00'05", na introdução da música com metais.**

*Ô abre alas, eu quero passar/ ô abre alas, eu quero passar / eu sou da lira, não posso negar / eu sou da lira, não posso negar.*

*Ô abre alas, eu quero passar / ô abre alas, eu quero passar / eu sou da lira, não posso negar / Rosa de Ouro é quem vai ganhar.*

**Aos 0.00'38". A partir daí dá um fade out no som, e entra o texto.**

Mulheres não compunham, mas tinham protagonismo no samba. Ou seja, eram fundamentais porque promoviam as festas em que se fazia samba e decidiam que música seria cantada. Segundo o maestro Paulão 7 Cordas, a voz feminina tem um timbre mais agudo e, por isso, o coro feminino permite perceber melhor a letra e a melodia da canção. Então, os compositores mostravam os sambas primeiro para as mulheres. Se elas aceitassem cantar, a música acontecia. Se não gostassem, o jeito era se conformar. Thânia Machado, na sua opinião, por que mulheres não compunham e raramente eram instrumentistas?

**Sobe som Thânia Machado. Aos 0.10'52"**

Thânia – A mulher tinha uma importância muito grande porque, na verdade, eram elas que preparavam o ambiente pra música, pra roda de samba, pra reunir todo mundo. Como tinha na Tia Ciata, que ela fazia os quitutes. Na sala, na frente, ela tinha a preocupação de ter um choro, uma polca para que o samba acontecesse no fundo de quintal, que era uma coisa proibida na época.

E ela abraçava tudo isso, né? Ela segurava essa barra.

Totó – E por que elas não compunham? **0.11'34"**

### **Junta com 0.11'41"**

A arte, naquela época, era uma coisa pejorativa. Não era de bom tom uma mocinha sair tocando por aí, em qualquer lugar. Elas eram obrigadas a aprender piano, isso aí é uma lei, toda família que se preza, a menina teria que aprender a tocar piano. Mas ela só toca em saraus, em festas familiares. Ela não saía para tocar em teatro. Nós temos aí, uma exceção maravilhosa, que é Chiquinha Gonzaga. **0.12'10"**

### **Junta com 0.12'27"**

Como a gente tem hoje em dia, a gente teria o que, Dona Ivone Lara. Dona Ivone veio primeiro. Para eu poder chegar, eu precisei de dona Ivone lá no Império Serrano. **0.12'45"**

Dona Ivone Lara teria completado 100 anos em 2021. Ela foi a primeira compositora de samba. Era também cantora e versejava, ou seja, improvisada os versos nas rodas de samba. E que voz! Ouve só.

**Sobe som Sorriso Negro com Dona Ivone Lara**

<https://www.youtube.com/watch?v=xVtowndTTiE>

**aos 0.00'20 (começa na cuíca)**

*Um sorriso negro / um abraço negro / traz felicidade/ negro sem emprego / fica sem sossego / negro é a raiz da liberdade.*

*Um sorriso negro... 0.00'44"*

Se mulheres raramente compunham, as cantoras sempre escolhem seu repertório. Era assim com Carmen Miranda, Elis Regina e Clara Nunes e continua sendo com as cantoras de hoje. Thânia Machado, como uma cantora e instrumentista como você escolhe o repertório? Quais são os critérios?

**Sobe som Thânia Machado. Aos 0.13'11"**

Pra começar, tem que cair muito bem no meu ouvido. A qualidade da música é tudo para mim. É aquela coisa que tem a ver a melodia, a letra tem que ter um sentido legal e, mais um dado, ela tem que me emocionar. **0.13'32"**

**Junta com 0.14'28"**

Essa escolha, uma música que caia bem no meu timbre, que tem a ver com a minha personalidade, você não pode pegar também uma cantora que ela seja delicada. Uma Calcanhoto da vida puxando samba enredo. Tem tudo a ver com a tua personalidade, com o teu emocional...**0.14'52"**

Então, Thânia, dá uma pala aí pra gente, no gogó e no piano.

**Sobe som vídeo de Thânia Machado ao piano, enviado pelo zap. Aos 0.00'25"**

**(entra um arpejo e, depois, ela canta) até 001'23''**

Esta música é **Oloã**, de Wilson Moreira, uma saudação a Iemanjá. Agora, compare a voz grave de Thânia Machado com os agudos de Aurora Miranda. São timbres diferentes. Timbre é a marca que cada pessoa tem na voz.

**Sobe som Moreno cor de bronze. Aos 0.00'20''**

*Moreno cor de bronze / Que nasceu na Praça Onze / E se diplomou em samba / Na academia do Salgueiro. 0.00'31''* **(dá um fade na música)**

Este trecho inicial de **Moreno cor de Bronze**, é um *verse*. *Verse* é uma introdução cantada que algumas músicas têm, mas é raro no samba. Veja também que a letra não tem inversões de discurso. As frases têm sujeito, verbo e predicado, nesta ordem. E você reparou que a cantora alonga as sílabas finais dos dois primeiros versos? É para realçar a letra da canção. Depois, Aurora Miranda valoriza cada palavra para elogiar o moreno cor de bronze.

**Sobe som na continuação de Moreno cor de Bronze. Aos 0.00'31''**

*Tem na cor a faceirice / Tem na voz toda a meiguice / Própria de um brasileiro. 0.00'41''*

Thânia Machado, como uma cantora faz para entoar a melodia, não perder o ritmo da música e ainda valorizar a letra de uma canção?

**Sobe som Thânia Machado. Aos 0.03'39''**

A música é uma forma de colocar os nossos sentimentos através dos sons. Você tem que colocar os seus sentimentos aí. Então, essa forma... Ela contém várias características, ritmos, melodia.. E tudo isso, vai compondo a sua emoção. **0.04'03"**

### **Junta com 0.19'31"**

Como está no **Moreno cor de Bronze**, você vê que ela faz todas as primeiras frases, são todas à vontade, ali é o que a gente chama *ad libito*. Ela tem um canto livre. Não tem ninguém ali dando a divisão para ela. Ela só faz esta divisão mais embaixo, quando assume a coisa do samba. Aí, ela tem uma divisão, uma pulsação certa, marcada aí, que tem a ver com ela e com o instrumental. Nem pra ela ultrapassar, nem pra o instrumental atrapalhar também.

**0.020'09"**

### **Junta com 0.06'28"**

E, juntando todas essas informações, a gente vai interpretar o **Moreno cor de bronze**, por exemplo... Ele tem, como é que vou dizer, o início dela mais lento, olha a duração, as notas mais prolongadas. Daqui a pouco vai para um samba sincopado, encurtando tudo, vai modificando tudo. Agora, isso pode ser modificado totalmente a seu *bel* prazer (risada) **0.06'55"**

Autora Miranda canta como se fosse uma conversa íntima. A canção não é dirigida ao público em geral, mas a uma pessoa específica. Na primeira estrofe, a mulher fala para si mesma das qualidades do seu amado, o moreno cor de bronze. Na segunda estrofe, faz uma declaração de amor, diretamente para ele.

**Sobe som na segunda estrofe de Moreno Cor de Bronze aos 0.00'41''**

*Não há nada, moreno / Que se compare a você / Teu amor é mais gostoso / É melhor o teu querer / Tua cor é maravilha / E vale mais que um tesouro / Por sua causa, moreno / O bronze vale mais que o ouro. 0.01'03''*

Reparou que, ela mistura as pessoas do discurso? A letra da música diz: Não há nada moreno, que se compare a VOCÊ, que é a terceira pessoa do discurso. Depois ela diz TEU amor é mais gostoso, é melhor o TEU querer, TUA cor é maravilha. Ou seja, fala na segunda pessoa do discurso. Pode até não seguir as regras da gramática tradicional, mas não é assim que se fala em muitos lugares do Brasil? Misturando você e tu? O autor da música, Custódio Mesquita, tinha curso superior de Música e, certamente, conhecia a norma culta da Língua Portuguesa. Por que preferiu a fala da rua?

Thânia Machado, você que é professora de arte educação, dá para combinar as regras da gramática com o jeito que a gente fala?

**Sobe som Thânia Machado aos 0.22'13''**

Dá, dá pelo seguinte: a conjugação, principalmente conjugação verbal, eu me pego muito por aí. Isso não tem jeito. Você tem que fazer o que manda a norma culta normal. Agora, em algumas partes, você pode popularizar, não só popularizar, mas é o normal que todo mundo fala, o informal. 0.22'38''

**Junta com 0.22'52''**

Mas quando ele coloca tua meiguice, é uma coisa natural. Ele aproxima o personagem da amada dele. Ele não coloca este personagem lá num pedestal, um nobre que ela não alcança. Não, ele é meu, está ali na sua mão, está pertinho de você. **0.23'13''**

Estas questões sobre a norma culta e a fala do cotidiano dividem estudiosos de linguística do mundo inteiro. Linguística é a ciência que estuda as línguas faladas e escritas. Mas o que interessa aqui, nesta análise é que, em 1934, a mulher brasileira já tinha direito de votar, mas ainda não podia trabalhar sem autorização do marido. Só algumas, como Aurora Miranda, já tinham um discurso próprio, falavam e cantavam por si mesmas. Ainda que a canção fosse composta por um homem. Mas esta mulher, muito antes do feminismo, já escolhia o objeto de sua paixão em vez de esperar para ser escolhida. Thânia, esta era uma atitude audaciosa naquela época?

**Sobe som Thânia Machado. Aos 0.23'39''**

Tem um pouco de audácia aí, né? Está em 1930, né? Ela tem uma audácia muito grande. Mas eu acho fantástica. Mas é uma das mulheres maravilhosas que eram daquela época. Como Chiquinha Gonzaga, que fazia um lundu, de repente. Uma marchinha de carnaval. A Aurora vem com essa coisa de se colocar, de querer seduzir esse cara. Trazer para ela. Então isso é uma coisa, realmente, na época, meio audaciosa. Hoje em dia está tranquilo (risada). **0.24'19''**

O arranjo com orquestra conversa o tempo todo com a voz da cantora. Quando Aurora Miranda canta, a orquestra não faz firulas.

Para isso, tem uma parte só instrumental que termina a música, depois que a letra é cantada duas vezes.

**Sobe som na parte instrumental da música aos 0.01'44!**

**Até 0.02'06''**

Agora, você vai ouvir esta canção, só com o arranjo instrumental. Se quiser cantar junto, a letra está no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Não esqueça, Tóris com I. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Lá você encontra o texto deste episódio e também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que deu origem a esta série.

Ouçã **Moreno cor de bronze** algumas vezes sem cantar, para aprender a melodia. Depois, cante lendo a letra até decorar. Você pode tentar interpretar como Aurora Miranda, como Thânia Machado ou criar seu próprio jeito de cantar. Solo ou em grupo. Vamos lá?

**Sobe som instrumental Moreno cor de bronze.**

Gostou de cantar?

Se você quiser mostrar como canta essa música, grave e mande para o e-mail [beatriz.toto@gmail](mailto:beatriz.toto@gmail.com), que a gente vai divulgar no youtube.

Nos próximos episódios tem mais. Este foi o episódio 4, em que falamos do samba **Moreno cor de bronze**.

No site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br), você encontra a letra deste samba e o texto deste quarto episódio. Você encontra também a dissertação **Quando**

**vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Tóris com I, viu? Muito obrigada e até o próximo episódio.

### **Sobe som vinheta Voz do Morro**

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tambores*

*A Praça Onze acabou, não temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar* **0.00'44"**

Esta série foi concebida por mim, Beatriz Coelho Silva, a Totó.

A produção executiva é de Lucas Gabriel MH, Insitte Comunicação.

**Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze** é um material didático distribuído gratuitamente e não tem fins lucrativos.

A direção musical e a versão instrumental das músicas é de Paulão 7 Cordas.

Participaram das gravações: Alessandro Cardoso e Márcio Hulk no cavaquinho, Dudu Oliveira, na flauta; Márcio Wanderley no banjo; Ramon Araújo, no violão, Netinho Albuquerque, Rodrigo Reis, Rodrigo Jesus e Waltiz Zacharias, nas percussões. E Paulão no violão de 7 cordas.

Técnicos de gravação: Jadir Florentino, Ricardo Cidade e Ricardo Calafate.

Assessoria Pedagógica: Juliana Stanzani

Assessoria: KB Comunicação

O apoio cultural é da Maritaca Moda Artesanal.

O apoio moral é de Dinalda Machado, João Vítor Machado, Cely Leal e Teca Pimentel.

No site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br) você encontra o texto de todos os episódios e também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

Muito obrigada.